



**PUC
GOIÁS**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E DA SAÚDE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM**

JUCELIA MARIA ANTÔNIA DA SILVA

**PERCEPÇÕES DOS PROFISSIONAIS DA SAÚDE NA ASSISTÊNCIA PRESTADA
AOS PACIENTES COM HIV/AIDS: REVISÃO NARRATIVA**

Goiânia, 2023

JUCELIA MARIA ANTÔNIA DA SILVA

**PERCEPÇÕES DOS PROFISSIONAIS DA SAÚDE NA ASSISTÊNCIA PRESTADA
AOS PACIENTES COM HIV/AIDS: REVISÃO NARRATIVA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Graduação em Enfermagem da Escola de Ciências Sociais da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito para obtenção de nota parcial para conclusão do curso.

Orientadora: Prof. Paulie Marcelly Ribeiro dos Santos.

Linha de Pesquisa: Promoção da saúde.

Goiânia, 2023

SUMÁRIO	
RESUMO	4
1 INTRODUÇÃO	5
2 OBJETIVO	8
3 METODOLOGIA	9
4 RESULTADO	10
5 DISCUSSÃO	13
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	16
REFERÊNCIA.....	17

RESUMO

SILVA, J. M. A; SANTOS, P. M. R. **Percepções dos profissionais de saúde na assistência prestada aos pacientes com HIV/aids**. 2023. 24f. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Enfermagem da Escola de Ciências Sociais e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de Goiás – Goiânia Goiás, 2023).

INTRODUÇÃO: o HIV/aids é uma infecção marcada pela discriminação, estigma e sentimentos diversos que perduram aos longos dos anos. **OBJETIVO:** identificar as percepções dos profissionais da saúde na assistência prestada aos pacientes com HIV/aids. **METODOLOGIA:** Trata-se de uma revisão da literatura do tipo narrativa. A busca foi realizada com artigos publicados na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Scientific Electronic Library Online (SCIELO), e Google Acadêmico, no período de 2018 a 2020. **RESULTADO:** um total de 718 artigos foram selecionados inicialmente e após implementação dos critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados seis artigos científicos para integrar o estudo. A análise dos dados permitiu a elaboração da categoria: “Percepções e anseios”. **DISCUSSÃO:** o profissional de saúde realiza julgamentos em relação ao comportamento dos pacientes e colegas de trabalho contaminados, o que promove medo, ansiedade, angústia, entre outros sentimentos. Além disso, também demonstra a falta de conhecimento sobre o assunto, especialmente, sobre os meios de transmissão e uso correto de EPI's. **CONCLUSÃO:** os profissionais que prestam assistência à indivíduos com HIV/aids procuram tratar os pacientes com profissionalismo, embora enfrentem diversos sentimentos que os fazem sentir-se, por vezes, psicologicamente sobrecarregados. Contudo, as suas percepções dependem de sua crença, valores e conhecimento sobre a doença. Faz-se necessário a qualificação contínua dos profissionais que atuam com pacientes com HIV/aids e ainda, melhores condições de trabalho, com vistas a garantia de um melhor cuidado e segurança aos pacientes e profissionais.

Palavras-chaves: Pessoal da Saúde, Profissionais de Saúde, Trabalhadores da Saúde, Síndrome de Imunodeficiência Adquirida, AIDS.

1 INTRODUÇÃO

A Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (aids) é caracterizada pela deterioração do sistema imunológico, que impede o organismo de se defender de outras infecções, causando a morte dos indivíduos. Inicialmente, na década de 80, essa doença ficou conhecida como doença gay ou câncer gay, pelo número elevado de pacientes infectados do sexo masculino e homossexuais, mas logo essa teoria foi descartada, pois crianças, gestantes e mulheres também apresentaram a doença (De Lima *et al.*, 2016).

Globalmente, estima-se que cerca de 38,4 milhões de pessoas vivem com Vírus da Imunodeficiência humana (HIV), 1,5 milhões de pessoas se infectaram nesse ano e mais de 650 mil morreram por doenças relacionadas a aids. Já em relação a terapia antirretroviral, cerca de 28,7 milhões de indivíduos com diagnóstico tem acesso ao tratamento (Unaid, 2021).

No Brasil, de 2007 até junho de 2021 foram notificados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) cerca de 381.793 casos de infecção pelo HIV, sendo 165.247 (43,3%) casos na região Sudoeste, 75.618 (19,8%) na região Nordeste, 75.165 (19,7%) na região Sul, 36.218 (9,5%) na região Norte e 29.545 (7,7%) na região Centro-Oeste. Já em relação aos óbitos, desde o início da epidemia, houveram 360.323 mortes cuja causa básica foi o HIV/aids (Brasil, 2021).

A transmissão do HIV ocorre pelas vias sexuais, vertical e sanguínea. A transmissão sexual acontece por meio de relações sexuais desprotegidas (oral, vaginal e anal), enquanto a transmissão vertical ocorre quando a mãe infectada transmite o vírus para o filho durante a gestação, parto ou amamentação. Na transmissão sanguínea há a contaminação com o sangue infectado por meio de objetos cortantes, com o compartilhamento de agulhas e seringas, no caso de usuários de drogas injetáveis, ou ainda, em acidentes com instrumentos cortantes contaminados, no caso de profissionais da saúde, entre outros (Brasil, 2016).

A prevenção combinada é a melhor técnica para se prevenir dessa infecção, ou seja, consiste usar de forma simultânea as diferentes abordagens de prevenção disponíveis, sendo elas: o uso de preservativo, não compartilhar agulhas e seringas, em caso de exposição ao vírus realizar o uso da terapia antirretroviral (TARV)

utilizada como profilaxia medicamentosa pré e pós-exposição ao vírus, e a realização dos testes anti-HIV, (Okuda *et al*, 2021, Brasil, 2023).

A doença não tem cura, porém possui tratamento com as terapias antirretrovirais (TARV) cujos objetivos são manter a carga viral indetectável e auxiliar na recuperação e manutenção das funções do sistema imunológico, através do aumento da contagem dos Linfócitos TCD4, eliminando assim, possíveis infecções por doenças oportunistas (Avizu, Santos, Moreno, 2022).

No Brasil, o tratamento começou a ser distribuído em meados dos anos 80, sendo garantido aos portadores de HIV/aids o acesso gratuito pelo Sistema Único de Saúde (SUS) (BRASIL, 1996), o que ocasionou um avanço na assistência terapêutica, contribuindo para a redução dos casos de internações hospitalares e da mortalidade. Todavia, a adesão pelos indivíduos é um impasse na maioria das vezes (Avizu, Santos, Moreno, 2022; Lacerda *et al.*, 2019).

O diagnóstico da infecção ocorre por meio de testes com a coleta de fluido oral ou sangue. No Brasil, eles são fornecidos gratuitamente pelo Ministério da Saúde e são realizados por profissionais capacitados, seja pela testagem rápida ou por exames laboratoriais. Anticorpos anti-HIV poderão ser detectados após 30 dias da contaminação, pois a testagem antes desse período pode acarretar um resultado falso negativo (Brasil, 2023; Brasil 2019).

Diante de uma exposição ocupacional, vários sentimentos podem vir a suceder o acontecimento, que depende da vivência, conceitos e preconceitos dos profissionais. Os principais sentimentos advindos do acidente são medo e angústia, podendo também haver ansiedade, frustrações, receio das reações negativas da família/colegas, raiva, entre outros, que demonstram a complexidade e a amplitude da situação apresentada (Fernandes *et al.*, 2018).

Os profissionais da saúde são aqueles que prestam assistência aos pacientes, sendo eles: enfermeiros, médicos, assistentes sociais, fisioterapeutas, odontólogos, técnicos de enfermagem, parteiras, técnicos de laboratório, auxiliares de serviços gerais, e outros. Em sua rotina de trabalho, alguns fatores contribuem para a exposição destes, como por exemplo a carga pesada de trabalho, a não utilização de Equipamentos de Proteção Individual (EPI's) e a falta de programas de capacitação (Lustosa *et al.*, 2021).

Em caso de exposição a material biológico medidas preventivas devem ser tomadas, de acordo com as instruções do local de trabalho, que envolvem a

notificação do acidente de trabalho sendo informado a Comunicação de Acidente de Trabalho (CAT), avaliação do acidente, lavagem exaustiva da área exposta com água e sabão/solução fisiológica 0,9%, avaliação da situação sorológica do paciente fonte e situação vacinal do enfermo, o acompanhamento do profissional e da quimioprofilaxia, para não haver possíveis infecções de HIV, hepatite B e C (Ribeiro, Servo, 2019; Brasil, 2001).

Mesmo com todos os avanços relacionados ao HIV/aids, o estigma e preconceito perpetua ao longo do tempo, por ser associado a práticas sexuais consideradas moralmente errôneas, provocando discriminação e exclusão social (Cruz, *et al.* 2021), que também pode ocorrer entre os profissionais da área de saúde, o que atrapalha o cuidado e a manutenção da saúde do indivíduo soropositivo (Formozo; Oliveira, 2010).

O interesse por esse tema surgiu após o atendimento de um paciente soropositivo para o HIV, onde surgiram questionamentos se haveria diferença na assistência prestada pelos profissionais de saúde a esse paciente. Assim, manifestou-se a seguinte questão de pesquisa: “Quais as percepções dos profissionais da saúde na assistência prestada a pacientes com HIV/aids”. Diante da complexidade do tema, espera-se que este estudo contribua para melhorar o acolhimento, o conhecimento e a vivência entre estes atores, de maneira que o estigma e preconceito não ameacem a qualidade da assistência.

2 OBJETIVO

- Identificar as percepções dos profissionais da saúde na assistência prestada a pacientes com HIV/aids.

3 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão narrativa da literatura. A coleta de dados foi realizada mediante o levantamento de artigos nas bases de dados eletrônicos: Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), e Google acadêmico.

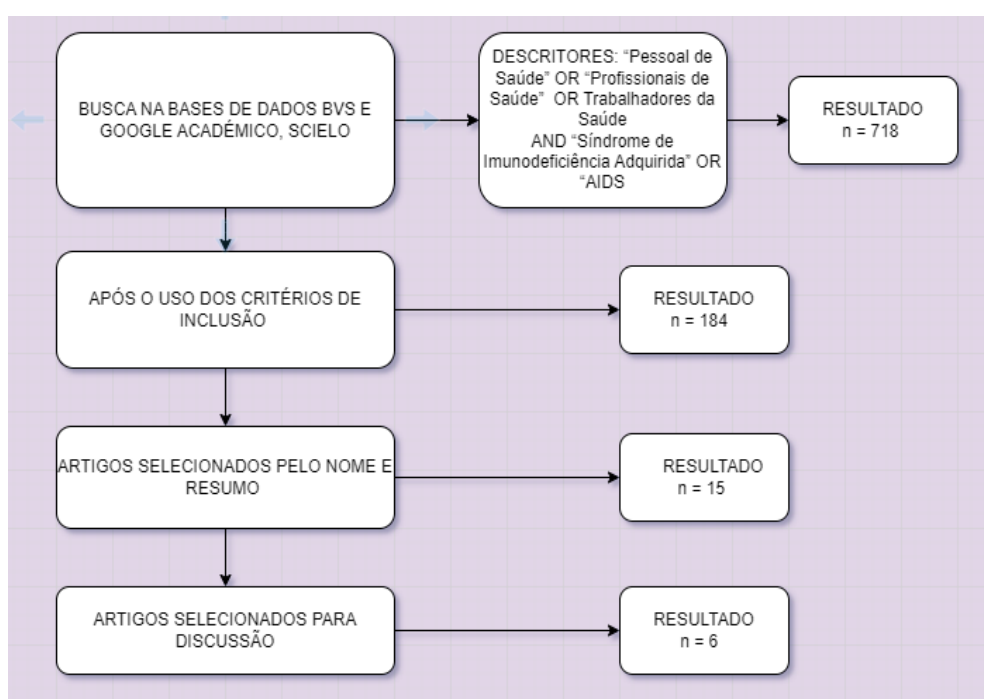
Foram empregados descritores disponibilizados no Descritores da Ciência da Saúde (DeCs): “Pessoal de Saúde”, “Profissionais de Saúde”, “Trabalhadores da Saúde”, “Síndrome de Imunodeficiência Adquirida”, “AIDS”, com o uso dos operadores booleanos “AND” e “OR”.

Os critérios de inclusão foram: artigo de acesso gratuito, no idioma português, com a metodologia qualitativa ou mista, nos últimos 5 anos (2018- 2022), que tratava da temática: Assistência prestadas a pacientes com HIV/aids. Foram excluídos: teses, dissertações, monografias ou trabalho de conclusão de curso (TCC), anais de congressos ou conferências, relatórios técnicos e científicos, matéria de jornal, editoriais, debates, resenhas, e artigos não convergentes com a proposta em estudo.

4 RESULTADO

A **Figura 1** apresenta o fluxograma com as etapas para a seleção dos artigos. Foram selecionados o total de 718 artigos. Destes, 184 atenderam aos critérios de inclusão. Após leitura dos títulos e resumos restaram 15 artigos, os quais foram lidos na íntegra. Por fim, compuseram a amostra para a análise o total de seis artigos.

Figura 1 – Fluxograma com a descrição das bases de dados selecionadas e etapas para a seleção dos artigos.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

As informações referentes aos seis artigos selecionados foram disponibilizadas no **Quadro 1**, segundo o ano de publicação, autores, título, objetivos da pesquisa, metodologia e resultados/categorias.

Segundo o ano de publicação, em 2018 foram publicados três artigos, em 2019 dois, e em 2020, apenas um artigo. Em relação as revistas, cinco delas eram da área da Enfermagem, sendo elas: Revista Paulista de Enfermagem, Revista Enfermagem em Evidência, Revista Brasileira de Enfermagem, Revista Enfermagem UERJ, Revista da Escola de Enfermagem da USP e uma, interdisciplinar: Revista Contexto e Saúde.

QUADRO 1 - Síntese das características das publicações referentes as percepções dos profissionais da saúde na assistência prestada a pacientes com aids.

Ano	Revista	Autores	Título do Artigo	Objetivos	Amostra	Resultados/Categorias de Análise
2018	Revista Enfermagem UERJ.	SPINDOL A, T; <i>et al.</i>	A autoproteção contra o HIV para profissionais de enfermagem: estudo de representações sociais.	Analisar a autoproteção profissional e pessoal na rede de representações sociais do HIV/AIDS, na perspectiva dos profissionais de enfermagem.	Foram 36 profissionais de enfermagem que atuavam na rede ambulatorial de assistência às pessoas vivendo com HIV, sendo 19 enfermeiros, 13 técnicos de enfermagem e quatro auxiliares.	<ul style="list-style-type: none"> • Medidas de proteção no cuidado à pessoa vivendo com HIV; • O conhecimento e o medo de exposição ao HIV determinando a autoproteção pessoal e profissional; • Comportamento sexual e uso de preservativo – facetas da autoproteção pessoal contra o HIV; • A educação em saúde e a capacitação profissional como estratégias de autoproteção pessoal e profissional; • O cuidado à pessoa vivendo com HIV mediando a autoproteção profissional.
2019	Revista Brasileira de Enfermagem.	SILVA, Y. T.; SILVA, L. B.; FERREIRA, S. M. S.	Práticas de aconselhamento em infecções sexualmente transmissíveis/aids: perspectiva dos profissionais de saúde.	Analisar a percepção de profissionais de saúde sobre práticas de aconselhamento em um Centro de Testagem e Aconselhamento em Infecções Sexualmente Transmissíveis, (IST) e Aids em Maceió, Alagoas.	Foram mulheres, com idades entre 42 e 51 anos. Todas possuíam ensino superior, sendo 3 em psicologia e 3 em serviço social.	<ul style="list-style-type: none"> • Processos de Trabalho; • Exercício da Escuta; • Sofrimento no Trabalho; • Estrutura Física.
2020	Revista Contexto e Saúde.	COSTA, K. B; <i>et al.</i>	HIV/Aids: Percepções, Significados e Consequências da Assistência de Trabalhadores da Saúde da Família	Analisar as percepções e significados de HIV/Aids de trabalhadores da saúde da família e as consequências de sua assistência às pessoas que convivem com a	Foram 14 profissionais de saúde que compõem a equipe da unidade, sendo 8 agentes comunitários de saúde, 2 auxiliares de enfermagem, 1 enfermeiro, 1 dentista, 1 auxiliar de	<ul style="list-style-type: none"> • Relação com o cuidado; • Impacto individual, familiar e social do HIV/Aids • HIV/Aids e a sexualidade.

				infecção.	saúde bucal e 1 médico.	
2019	Revista Enfermagem em Evidência.	SOUZA, A. C. R; GOMES, B. F.; PONTELLI, B. P. B.	Atuação dos profissionais de enfermagem frente aos pacientes portadores de HIV-aids.	Analisar a atuação do profissional de enfermagem, frente aos portadores de HIV/AIDS na Vigilância Epidemiológica do município de Bebedouro	Foram 2 técnicas e 3 enfermeiras com no mínimo cinco anos e uma enfermeira com um ano de experiência na área Epidemiológica.	<ul style="list-style-type: none"> • O trabalho na Vigilância Epidemiológica; • Aconselhamento; • EPI's; • Sentimentos vivenciados; • Equipe.
2018	Revista Paulista de Enfermagem.	FERNANDES, A. T. F; <i>et al.</i>	Sentimentos vivenciados por trabalhadores de saúde na ocorrência de acidentes com material biológico.	Conhecer os sentimentos vivenciados por trabalhadores da saúde que sofreram acidente com material biológico e relatar a experiência vivenciada por estes ao utilizar antirretroviral.	Foram 01 médico, 02 auxiliares de serviços gerais (higienização) e 05 auxiliares/técnicos de enfermagem	<ul style="list-style-type: none"> • Sentimentos vivenciados por trabalhadores da saúde ao sofrerem acidente com material biológico. • Efeito do uso do antirretroviral profilático nos trabalhadores de saúde após exposição ocupacional à material biológico; • Consequências do acidente com material biológico na vida dos trabalhadores da saúde.
2018	Revista da Escola de Enfermagem Da USP.	ANGELIM, R. C. M; <i>et al.</i>	Representações e práticas de cuidado de profissionais de saúde às pessoas com HIV.	Analisar as representações sociais dos profissionais de saúde sobre os cuidados às pessoas que vivem com HIV.	Foram 46 profissionais de saúde participantes.	<ul style="list-style-type: none"> • O atendimento aos indivíduos com HIV ao longo da epidemia; • Acompanhamento das pessoas vivendo com HIV; • Impacto do diagnóstico.

Os artigos elegíveis tratam da vivência dos profissionais de saúde e suas percepções nos diversos níveis de atenção e os cuidados prestados aos pacientes com HIV/aids, que resultou na categoria: "Percepções e anseios".

5 DISCUSSÃO

O estigma causado pelo HIV perdura ao longo dos anos, por diversas situações tal como: forma de contaminação, dificuldades enfrentadas nos momentos da descoberta da infecção, adesão ao tratamento e seus efeitos adversos, além de alguns mitos. Nesse contexto, os estudos elencados apontam que existe um pensamento por parte dos profissionais que o indivíduo que pratica “determinado” comportamento está se colocando em um “comportamento de risco”, algo incorreto para a sociedade, atos socialmente reprováveis, como traição, possuir vários parceiros, não usar preservativos, entre outros (Costa *et al.*, 2019; Spindola *et al.*, 2018).

Nesse sentido, um estudo realizado com 14 profissionais de uma equipe multiprofissional em uma unidade de saúde da família de um município paulista, composta por um médico, um enfermeiro, dois auxiliares de enfermagem, oito agentes comunitários de saúde, um dentista e um auxiliar de saúde bucal apontou que de fato há um julgamento diante do conhecimento da soropositividade para o HIV, uma vez que a principal forma de aquisição viral ocorre pelas relações sexuais desprotegidas (Costa *et al.*, 2019).

O estigma pode ser ainda maior entre os profissionais que não possuem conhecimento adequado, uma vez que pressupõem sobre o estilo de vida do paciente. Apesar disso, o profissional sabe de sua importância para que a assistência à saúde ocorra da forma mais confortável e segura, e ainda, colabore minimizando as dúvidas dos pacientes (Spindola *et al.*, 2018).

O emprego dos EPI's foi destacado como uma prática essencial para minimizar riscos e garantir a segurança de profissionais de saúde e dos pacientes, embora em alguns estudos, as formas de contaminação pelo HIV não tenham sido lembradas pelos profissionais, especialmente, no tocante ao ambiente hospitalar, como os perfurocortantes. No entanto, observou-se em muitos casos que o profissional se abstém do uso destes equipamentos de proteção individual e só considera como necessário a luva de procedimento (Spindola *et al.*, 2018, Souza *et al.*, 2018; Costa *et al.*, 2019).

Além disso, foi observado que os profissionais sentem uma carência de informações, não estando preparado adequadamente para certas situações

cotidianas no setor que o compete, estando constantemente em vulnerabilidade. E visto também, que o empoderamento da equipe é realizado através da educação em saúde, e assim, podendo melhorar os cuidados prestados, apoio educativo ao paciente e apoio emocional (Spindola *et al.*, 2018).

Os sentimentos vivenciados pelos profissionais que prestam cuidados aos pacientes HIV/aids estão relacionados ao medo da exposição ao vírus, pois, sabem que a experiência pós contaminação acarreta uma fase longa de apreensão, ansiedade e angústia, além da exclusão da sociedade, autossabotagem e culpa, que reflete de forma negativa em sua vida. Também, há a sobrecarga psíquica ocasionada pelas diversas situações vivenciadas pelos pacientes, como incesto, pedofilia, tentativas de suicídio, dentre outros, o que provoca a sensação de impotência, desamparo e falta de habilidades de lidar com esses dilemas (Fernandes *et al.*, 2018; Costa *et al.*, 2019; Spindola *et al.*, 2018; Silva *et al.*, 2019; Souza *et al.*, 2018).

Como estratégias de enfrentamento com tais situações foram apontadas a realização de estudos e treinamentos, que visam o desenvolvimento de empatia, debates para sanar dúvidas, e assim, a mudança das percepções sobre o HIV/aids. As experiências e o tempo de trabalho com tais usuários também contribuem para a perda do medo e do preconceito com a doença (Fernandes *et al.*, 2018; Costa *et al.*, 2019; Spindola *et al.*, 2018; Silva *et al.*, 2019; Souza *et al.*, 2018).

Independente dos sentimentos envolvidos, os profissionais investigados asseguram que o papel do profissional da saúde é tratar todos de forma igualitária, individualizando, sem julgamentos ou diferença, trazendo uma aceitação e acolhimento ao paciente, que faz total diferença na eficácia do tratamento dele (Spindola *et al.*, 2018, Souza *et al.*, 2018).

Assim, através da vivência dos profissionais, perceberam que a relação do profissional com o paciente é muito importante como dito anteriormente, através da fala do profissional o usuário pode se sentir incentivado com o tratamento. As palavras do profissional carregam o peso do conhecimento, e com comunicação e empatia pode se tornar um poderoso aliado para o usuário e família. Desenvolver uma técnica com essas qualidades pode ser o principal desafio hoje em dia (Silva *et al.*, 2019).

O cuidado dado a esse paciente pode trazer diversos sentimentos, dependendo do conhecimento e das percepções do profissional, de acordo com o

referencial teórico. Preocupados com a qualidade do serviço prestados, orientações a serem dadas, medicações, recepção ao usuário. Estudos mostram que é tratado com “normalidade” o paciente soropositivo, ou tentam, pois, os EPI’s são duplicados para atendê-los para ajudar a se protegerem (Costa, *et al.*, 2019; Silva, *et al.*, 2019).

Diante da exposição ocupacional, diversas manifestações podem ocorrer a depender da cultura, conhecimento e preconceito, sendo elas emoções positivas, como tranquilidade ou relacionadas a crenças, negativas, como medo, angústia, preocupação, estresse, ansiedade, e as neutras, como a indiferença (Fernandes *et al.*, 2018).

Segundo os profissionais entrevistados no estudo de Fernandes e colaboradores (2018) existe um impacto muito grande na vida pessoal, familiar e profissional após a exposição, o suporte da instituição para o protocolo ser realizado o mais rápido possível, logo é um ponto positivo, além do emocional, como psicólogo, terapia, ouvidoria, sendo indispensável para o bem-estar mental do profissional contaminado.

Após o acidente ocupacional, os profissionais relataram que perceberam afastamento dos colegas de trabalho, exclusão, e logo raiva da instituição que houve o acidente, entre outros. No âmbito familiar, houve medo de repassar a infecção para os familiares, e até afastamento de tais. Podendo acarretar, em outras doenças e má qualidade de vida (Fernandes *et al.*, 2018).

O tratamento após a exposição pode variar muito de caso para caso, na utilização de antirretrovirais, com consequências físicas e psíquicas, o que pode levar ao abandono do tratamento, embora a maioria saiba da importância da medicação e da necessidade de realizarem durante o tempo prescrito. Os principais sintomas são: astenia, náuseas, vômitos, cólicas intestinais, diarreia, falta de apetite, dor abdominal, desânimo, abatimento e sintomas de depressão. (Fernandes *et al.*, 2018; Souza *et al.*, 2018).

Finalmente, outra percepção identificada pelos profissionais foi quanto a estrutura física do ambiente da unidade de saúde, que pode melhorar ou piorar o atendimento tanto para o profissional quanto para o paciente, sendo necessário melhor organização dos espaços destinados aos usuários soropositivos (Angelim *et al.*, 2018; Silva *et al.*, 2019).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O vigente estudo demonstrou que os profissionais que prestam assistência à indivíduos com HIV/aids procuram tratar os pacientes com profissionalismo, embora enfrentem diversos sentimentos que os fazem sentir-se, por vezes, psicologicamente sobrecarregados. Contudo, as suas percepções dependem de sua crença, valores e conhecimento sobre a doença. Portanto, faz-se necessário a qualificação contínua dos profissionais que atuam com pacientes com HIV/aids e ainda, melhores condições de trabalho, com vistas a garantia de um melhor cuidado e segurança aos pacientes e profissionais.

REFERÊNCIA

AVIZU, K. K. O.; SANTOS, M. G.; MORENO, A. H. **Adesão ao tratamento com terapias antirretrovirais por pacientes soropositivos atendidos no município de Catanduva-SP.** *CuidArte, Enferm*; 16(1): 35-42, jan.-jun.2022. São Paulo. Disponível em: <http://www.webfipa.net/facfipa/ner/sumarios/cuidarte/2022v1/p.35-42.pdf>. Acesso em: 14/04/2023.

ANGELIM, R. C. M. *et al.* **Representações e práticas de cuidado de profissionais de saúde às pessoas com HIV.** Revista da Escola de Enfermagem da USP, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1980-220X2018017903478>. Acesso em: 01/10/2023.

ANTUNES, F, D, C. **Análise de políticas públicas brasileiras de saúde em combate ao vírus HIV.** Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/24974/1/2019_FredericoDelanoChavesAntunes_tcc.pdf. Acesso em 17/03/2023.

BRASIL. Lei nº 9.313, de 13 de novembro de 1996. Brasília, 13 de novembro de 1996; 175º da Independência e 108º da República. -- https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19313.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%209.313%2C%20DE%2013,Art. Acesso em: 20/04/2023.

BRASIL. Ministério da saúde. Boletim epidemiológico, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/especiais/2021/boletim-epidemiologico-especial-hiv-aids-2021.pdf/view>. Acesso em: 03/05/2023.

BRASIL, Ministério da Saúde. Teste rápido de HIV: Saiba o resultado em 30 minutos, 2022. Disponível em: <http://antigo.aids.gov.br/pt-br/noticias/teste-rapido-de-hiv-saiba-o-resultado-em-30-minutos>. Acesso em: 03/12/2023.

BRASIL, Ministério da Saúde. Prevenção, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/a/aids-hiv/prevencao-contr-a-aids-hiv>. Acesso em: 03/12/2023.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. **Departamento de Atenção Básica. Área Técnica de Saúde do Trabalhador Saúde do trabalhador.** Brasília: Ministério da Saúde, 2001. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_trabalhador_cab5_2ed.pdf. Acesso em: 05/05/2023.

BRASIL, Ministério da Saúde. Coordenação Nacional Doenças Sexualmente Transmissíveis e Aids, 2016. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/Aids_etiologia_clinica_diagnostico_tratamento.pdf. Acesso em: 05/05/2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Aids/HIV 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/h/aids-hiv->

SILVA, Y. T.; SILVA, L. B.; FERREIRA, S. M. S. **Práticas de aconselhamento em infecções sexualmente transmissíveis/aids: perspectiva das profissionais de saúde.** Revista Brasileira de Enfermagem, Alagoas, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0176>. Acesso em: 01/10/2023.

SOUZA, A. C. R.; GOMES, B. F.; PONTELLI, B. P. B. **Atuação dos profissionais de enfermagem frente aos pacientes portadores de HIV-aids.** Revista Enfermagem em Evidência, Bebedouro SP, 3 (1): 21-36, 2019. Disponível em: <https://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/enfermagememevidencia/sumario/83/18112019165258.pdf>. Acesso em: 01/10/2023.

SPINDOLA, T. *et al.* **A autoproteção contra o HIV para profissionais de enfermagem: estudo de representações sociais.** Revista enfermagem da UERJ, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.12957/reuerj.2018.34277>. Acesso em: 01/10/2023.

UNAIDS. Join United Nations Programme on HIV/AIDS. 2021. Disponível em: <https://unaids.org.br/estatisticas/>. Acesso em: 20/03/2032.